

## A EDUCAÇÃO ESCOLAR POR NÍSIA FLORESTA EM UMA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA

Erika Caroline de Oliveira Cavalcanti<sup>1</sup>

Nadia Pereira da Silva Gonçalves de Azevedo<sup>2</sup>

**Resumo:** A partir das obras e ações de Nísia Floresta no século XIX consideramos a relevância de seu protagonismo pela atividade que desenvolveu em prol da igualdade de direitos das mulheres em relação aos homens, partindo do papel da educação na sociedade como oportunidade de formação e trabalho, conseqüentemente mais independência. Nesse sentido, esse estudo de natureza qualitativa como pesquisa descritiva exploratória, visa analisar discursos de Floresta que estão presentes em sua importante obra “Opúsculo Humanitário”, de 1853, referente ao ensino e educação feminina, com o objetivo de identificar quais elementos evidenciam as formações discursivas e ideológicas, além das condições de produção que sustentam o funcionamento discursivo de Nísia Floresta. Para tanto, e partindo do imbricamento entre língua, história e sujeito desenvolvido pelo pesquisador Michel Pêcheux no final da década de 1960, propomos como teoria e metodologia a Análise do Discurso de orientação francesa (AD). Desse modo, e apresentando referências com base nos estudos em AD, em Educação e em relação ao próprio sujeito discursivo em questão, apontamos como resultados esperados a valorização de Floresta como uma intelectual da educação brasileira mediante divulgação de sua militância pelos direitos das mulheres e investimento na educação escolar.

**Palavras-chave:** Educação. Nísia Floresta. Direitos das mulheres. Análise do Discurso francesa.

## LA EDUCACIÓN ESCOLAR POR NÍSIA FLORESTA EN UN ANÁLISIS DEL DISCURSO FRANCESA

**Resumen:** A partir de las obras y acciones de Nísia Floresta en el siglo XIX consideramos la relevancia de su protagonismo por la actividad que desarrolló en favor de la igualdad de derechos de las mujeres

---

1 Doutoranda em Ciências da Linguagem pela Universidade Católica de Pernambuco. Mestra em Educação e Pedagogia pela Universidade Federal de Pernambuco. Servidora pública na Secretaria de Educação do Cabo de Santo Agostinho. E-mail: erikacaroli@hotmail.com

2 Doutora em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Paraíba e Professora adjunto III da Universidade Católica de Pernambuco, atuando na Graduação em Fonoaudiologia e como professora e pesquisadora no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Ciências da Linguagem. E-mail: nadiaazevedo@gmail.com

en relación a los hombres, partiendo del papel de la educación en la sociedad como oportunidad de formación y trabajo, consecuentemente más independencia. En este sentido, ese estudio de naturaleza cualitativa como búsqueda descriptiva exploratoria, visa analizar discursos de Floresta que están presentes en su importante obra “Opúsculo Humanitário”, de 1853, referente a la enseñanza y educación femenina, con el objetivo de identificar cuales elementos evidencian las formaciones discursivas e ideológicas, además de las condiciones de producción que sostienen el funcionamiento discursivo de Nísia Floresta. Para tanto, y partiendo del imbricamiento entre lengua, historia y sujeto desarrollado por el experto Michel Pêcheux en fines de la década de 1960, propusimos como teoría y metodología el Análisis del Discurso de orientación francesa (AD). De este modo, y presentando referencias con base en los estudios en AD, en Educación y en relación al propio sujeto discursivo en cuestión, apuntamos como resultados esperados la valoración de Floresta como una intelectual de la educación brasileña mediante divulgación de su militancia por los derechos de las mujeres e investimento en la educación escolar.

**Palabras-clave:** Educación. Nísia Floresta. Derechos de las mujeres. Análisis del Discurso francesa.

## SCHOOL EDUCATION BY NÍSIA FOREST IN AN ANALYSIS OF FRENCH SPEECH

**Abstract:** Based on the works and actions of Nísia Floresta in the 19th century, we consider the relevance of her protagonism for the activity she developed in favor of the equality of women's rights in relation to men, starting from the role of education in society as an opportunity for training and work, consequently more independence. In this sense, this qualitative study as an exploratory descriptive research aims to analyze Forest discourses that are present in her important work “Humanitarian Book”, of 1853, referring to female education and education, with the objective of identifying which elements show the formations discursive and ideological, as well as the conditions of production that support the discursive functioning of Nísia Floresta. To that end, and starting from the interweaving between language, history and subject developed by the researcher Michel Pêcheux in the late 1960s, we propose as theory and methodology the French Discourse Analysis (AD). In this way, and presenting references based on studies in AD, in Education and in relation to the discursive subject in question, we point out as expected results the valorization of Floresta as an intellectual of Brazilian education through the dissemination of her militancy for women's rights and investment in school education.

**Keywords:** Education. Nísia Floresta. Women's rights. Analysis of the French Speech.

### 1 INTRODUÇÃO

Ao longo de estudos e pesquisas sobre a educação escolar foi possível perceber que muitas foram as tentativas por mudanças para melhorias na educação do Brasil durante décadas, especialmente com a instituição de um sistema único de ensino no estágio inicial da República em 1890. A partir desta nova configuração no país foi visada uma democratização social, cujo compromisso formal era o de ampliar o acesso à educação com multiplicação de escolas e número de matrículas, além de alcançar a modernização de acordo com os padrões internacionais da época (SARMENTO, 2009).

Os referidos padrões internacionais surgiram com a formação das sociedades modernas em meio a tomada de consciência sobre a existência de uma tradição pedagógica originada no século XVII e consolidada posteriormente, e da contribuição do século XIX com medidas legislativas para a educação, como a obrigatoriedade e gratuidade da escola (GAUTHIER, 2010).

No entanto, a gênese desse desenvolvimento da educação escolar remonta séculos atrás e no Brasil ocorreu, mais especificamente, no período imperial quando cursos foram criados para tornar esta nação um ambiente semelhante ao de uma Corte, além da estruturação do nível primário (escola de ler e escrever), secundário (aulas régias<sup>3</sup>) e superior (GHIRALDELLI JR., 2009, p.28); mas com objetivos que não incluíam uma formação feminina como era destinada aos moços da época.

Nesse sentido, a educadora, autora e poetisa Nísia Floresta destaca-se como pioneira com suas propostas e ações inovadoras para a formação escolar científica voltada às mulheres, não as restringindo a uma educação doméstica e primando por seus direitos, o que a torna uma das intelectuais da educação no Brasil, dentre outros títulos distintos, embora seu trabalho não seja muito reconhecido.

Por este motivo, este estudo que parte de uma pesquisa maior em andamento, tem o objetivo de analisar os discursos de Floresta em sua destacada obra “Opúsculo Humanitário”, de 1853, visando identificar quais elementos evidenciam as formações discursivas e ideológicas, além das condições de produção que sustentam o funcionamento discursivo de Nísia, sob o aporte da Análise do Discurso francesa.

## **2 IMPÉRIO BRASILEIRO E EDUCAÇÃO: NÍSIA FLORESTA EM FOCO**

O século XIX no Brasil foi alvo de transformações políticas, econômicas e sociais ao redor do mundo pela ascensão da burguesia, desenvolvimento do sistema fabril e avanço do capitalismo, e crescimento das grandes cidades; cuja consequência foi o surgimento da classe proletária, o que desencadeou a formação do império brasileiro com a vinda da família real portuguesa (PILETTI, 2013).

A partir das referidas mudanças, a preocupação do novo império era formar a elite dirigente que o conduziria, e a educação passou a ser evidenciada com investimento em cursos e instituições, como a imprensa e a primeira biblioteca pública constituída por obras cedidas pelo monarca, Dom João, como afirma Piletti (2013).

Neste cenário, no entanto, temos uma educação desprovida de um sistema integrado e com metas de educação para meninos, visto que se tratava de uma sociedade patriarcal onde às mulheres restavam trabalhos domésticos, e quando

---

3 “Eram aulas avulsas de latim, grego, filosofia e retórica. Ou seja: os professores, por eles mesmos, organizavam os locais de trabalho e, uma vez tendo colocado a “escola” para funcionar, requisitavam do governo o pagamento pelo trabalho do ensino” (GHIRALDELLI JR., 2009, p. 27).

havia alguma instrução, esta limitava-se a leitura, escrita e contas, sem o benefício de uma formação científica e profissional.

Daí, destaca-se Dionísia Gonçalves Pinto, mais conhecida pelo seu pseudônimo “Nísia Floresta”, nascida em 12 de outubro de 1810, em Papari (atual Nísia Floresta) no Estado do Rio Grande do Norte.

Floresta era filha de um advogado português chamado Dionísio Gonçalves Pinto e de mãe brasileira, a senhora Antônia Clara Freire. Após sua separação de Manuel Alexandre Seabra de Melo por quem foi perseguida e acusada de adultério e abandono do lar ao ter retornado à casa de seus pais (aos 13 anos), Nísia mudou-se com sua família, em 1824, para Pernambuco devido a conflitos existentes na região (BARIÓN et al., 2017; DUARTE, 2010).

Em 1828, seu pai foi assassinado nas proximidades do Recife após defender uma causa judicial. Neste mesmo ano Nísia casou-se com o estudante de Direito Manuel Augusto de Faria Rocha, com quem teve seus filhos (BARIÓN et al., 2017; DUARTE, 2010). A partir de então, morou “em vários estados brasileiros, e, de norte a sul conheceu a realidade educacional do país, com a qual se dedicou a contribuir”, visto que o Brasil era um recente país após sua independência em 1822 (BARIÓN et al., 2017, p.1315-1316).

Esta nova nação atribuiu à instrução pública, ainda com ausência de proposta educacional principalmente voltada para a mulher, o compromisso de modernização (BARIÓN et al., 2017, p.1315-1316), visto que os poucos lugares que forneciam alguma instrução eram os conventos e seminários de número insuficiente para a demanda, se assim os procurasse (DUARTE, 2010). Diante disso, Nísia buscou:

A transformação da realidade posta com sua produção intelectual, na qual além de denunciar as injustiças impostas às mulheres, antecipou a emancipação feminina pela via do conhecimento, valorizando a educação enquanto meio necessário para a autonomia e valorização da mulher na sociedade. No ano de 1832 começou a carreira no magistério, buscando com a sua prática provar a importância da educação para as mulheres (BARIÓN et al., 2017, p. 1320).

Segundo Duarte (2010), a iniciativa de Nísia Floresta expressada em suas obras fundamentaram o exercício de sua função no magistério na cidade do Recife e em Porto Alegre, quando iniciou essa atividade ainda jovem, além da “proposta filosófica e educacional do colégio que manteve no Rio de Janeiro de 1838 a 1855, com o nome de Colégio Augusto” para meninas, “cujo nome revela a homenagem feita ao companheiro desaparecido anos depois de seu casamento” (p.16).

De acordo com registros de todos que escreveram sobre este Colégio, como afirma Duarte (2010, p. 17), importantes avanços proporcionados foram consideráveis para a educação daquele período, visto que nas demais instituições escolares femininas era enfatizado, principalmente, “o desenvolvimento de prendas domésticas e se limitavam a um ensino superficial da língua materna e a noções rudimentares das quatro operações”. No colégio Augusto, no entanto, era ofertado:

o ensino do latim, do francês, do italiano e do inglês, bem como respectivas gramáticas e literaturas; o estudo da geografia e da história do país; a prática da educação física; e a limitação do número de alunas por turma como forma de garantir a qualidade do ensino (DUARTE, 2010, p. 17).

Portanto, a situação educacional chamou-lhe atenção como ponto de partida para a defesa dos direitos em geral a partir da situação feminina, cuja realidade era a ausência de liberdade de escolha e opressão; situação essa que enfrentou combativamente, como atesta sua história pessoal, com influências que se estenderam para além das fronteiras brasileiras.

Ao residir em alguns estados brasileiros, Nísia mudou-se para a Europa, no ano de 1849, para tratar da saúde de sua filha, retornando ao Brasil em 1852 (BARIÓN et al., 2017, p. 1322). Porém, enquanto esteve no velho continente e até fixar moradia lá, quando voltou definitivamente para a Europa, frequentou cursos e palestras, criou vínculos com pessoas ilustres e viajou por diversos países apropriando-se das ideias iluministas “tão difundidas em Pernambuco de seu tempo-para melhor fundamentar seus argumentos e construir sua coerência” e “para melhor e mais contundentemente refutar a propalada ideia da inferioridade feminina” (FUNDAÇÃO ULISSES GUIMARÃES, [20--], p.13).

Algumas das quinze (15) obras de Nísia, bem como o ano de edição em diferentes idiomas para alguns de seus escritos, são: *Direitos da Mulheres e Injustiça dos Homens* (ed. 1832,1833,1839); *Conselhos à Minha Filha* (ed.1842,1845); *Fany ou o Modelo das Donzelas* (ed. 1847); *Daciz ou a Jovem Completa* (ed.847); *Discurso que às suas Educandas Dirigiu Nísia Floresta Brasileira Augusta* (ed. 1847); *A Lágrima de um Caeté* (ed. 1849, 1849); *Dedicação de uma Amiga* (ed. 1850); *Opúsculo Humanitário* (ed. 1853); *Páginas de uma Vida Obscura - Um Passeio ao Aqueduto da Carioca - Pranto Filial* (ed. 1854); dentre outros.

Diante do exposto sobre a vida e obra de Nísia Floresta, e considerando a relevância de sua contribuição para os movimentos de luta por direitos das mulheres, partimos da Análise do Discurso francesa visando os discursos de Floresta como corpus da pesquisa em andamento que gerou o presente estudo.

### **3 ANÁLISE DO DISCURSO DE LINHA FRANCESA (AD)**

De acordo com os objetivos da presente proposta, esta pesquisa configura-se de natureza qualitativa por abranger o “vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 70).

Com base nesse fundamento metodológico consideramos como teoria e procedimento a Análise de Discurso de linha francesa visto que esta orienta o analista a não buscar um controle da interpretação dos discursos, mas que a interpretação relacione “o que lê aos sentidos pré-construídos, ideologicamente pré-fixados” trabalhando a língua em relação ao que a cerca (SOUSA, 2011, p. 50).

Nesse sentido, buscamos, tal como explicita a AD, entender o funcionamento discursivo e as condições de produção dos discursos de Nísia Floresta em sua obra “Opúsculo Humanitário” referente à educação no século XIX, especialmente para as meninas, além de identificar quais elementos evidenciam as formações discursivas e ideológicas que sustentam esses discursos.

As três disciplinas para a formação da AD são o materialismo histórico, a linguística estruturalista e a teoria do discurso, constituindo-se como um espaço de fronteira entre esses saberes e estabelecendo e privilegiando o discurso como um novo objeto teórico e de estudo (AZEVEDO, 2018). Além disso, é importante destacar:

há, na teoria, uma necessária contradição constitutiva, uma vez que a AD questiona o Materialismo Histórico pela falta da Linguística, esta, por não trazer o sujeito e a ideologia e a Psicanálise, por não contemplarem a ideologia. Neste sentido, há uma relação de falta, de busca de completude, ao mesmo tempo em que o processo se configura como eterna falha no ritual e numa incompletude que não se esvai (AZEVEDO, 2018, p. 442).

Assim, tal como enumerados por Pêcheux, os quadros teóricos que constituíram a disciplina da AD ao longo do tempo baseiam-se, em outras palavras, nos seguintes preceitos fundamentais:

1. Materialismo histórico, como teoria das formações sociais e suas transformações;
2. A Linguística, como teoria dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação;
3. A teoria do discurso, como teoria da terminação histórica dos processos semânticos.

O que se modifica, ao longo do tempo, é a forma como a Análise do Discurso interpretará essas relações, porém, essa base estará presente na disciplina em todos os momentos de seu desenvolvimento (BARROS, 2015, p. 53).

Na prática, a AD desenvolveu sua teoria anterior ao processo de institucionalização nas universidades, enquanto que ao chegar no Brasil seu percurso foi iniciado pela institucionalização universitária, o que desencadeou distinto movimento para sua prática e teoria tornando-se outra disciplina, cujo formato responde como uma filiação ao que foi desenvolvido por Pêcheux, como um desdobramento em torno da relação entre língua e ideologia no momento histórico em que aqui foi instaurada pela professora Eni Orlandi (BARROS, 2015).

No Brasil, em especial, a partir dos anos 1980, houve um crescimento científico em trabalhos com Análise do Discurso de textos, tanto escritos quanto orais, o que caracterizou uma teoria e método próprio, sendo propagado, ao longo das décadas seguintes, centros de pesquisa e estudos, nessa área, em Universidades (BARROS, 2015).

A filiação teórica da Análise do Discurso adotada por Eni Orlandi no final da década de 1970 apresenta o Materialismo Histórico, a Linguística e a Psicanálise com, respectivamente uma: “ênfase na ideologia; [...] afirmação da opacidade da linguagem, com seu objeto próprio -a língua- que, por sua vez, tem sua ordem

própria; e [...] noção de sujeito do inconsciente, que se constitui na relação com o simbólico” (AZEVEDO, 2018, p. 444).

Para Orlandi (2010, p. 15), “na análise do discurso, procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”.

Orlandi (2010) ainda elucida a esse respeito que o que caracteriza o discurso não é sua tipologia, por não ser esta uma de suas preocupações principais, mas o seu modo de funcionamento, as propriedades internas do processo discursivo e define que as denominações para as citadas tipologias não devem estabelecer juízos de valor aos sujeitos do discurso, mas descrever o “funcionamento discursivo em relação a suas determinações histórico-sociais e ideológicas” (p. 87).

Daí a relevância dos estudos em AD, pois como afirma Orlandi (2010), o objeto discursivo não se esgota em uma descrição, pois todo discurso é parte de um processo mais amplo da discursividade. Assim, o recorte de uma discursividade determina a forma de analisar, bem como o dispositivo teórico da interpretação que é construída, possibilitando outros estudos e procedimentos teóricos e analíticos para diferentes investigações.

Courtine (2016) explica o que são os procedimentos de constituição de *corpus* discursivos por seguimentos para análise, tal qual nos propomos apresentar. Para o autor, esta constituição do corpus em segmentos trata do “conjunto de sequências discursivas dominadas por um determinado estado, suficientemente homogêneo e estável, das condições de produção do discurso” (2016, p. 20).

Portanto, e diante do exposto, delineamos nosso corpus constituído por segmentos discursivos - discursos de Nísia Floresta - embasados na AD visando atender aos objetivos propostos, como consta na presente análise.

### **3.1 Análise do Discurso de um Pioneirismo para Educação Feminina**

Neste estudo, partimos da compreensão e valorização dos discursos de Nísia Floresta, uma vez que ela não se tornou conhecida apenas por seu distinto direcionamento para a educação da época visando à formação feminina; mas por seu legado registrado em obras diversas, constituindo-a como autora, como no livro “Opúsculo Humanitário” (1853), do qual buscaremos o objeto discursivo de análise.

De acordo com Orlandi (2015) a respeito de autoria, “se temos um sujeito no discurso, no texto o que temos é um autor” e esta função de autor realiza-se “toda vez que o produtor de linguagem se representa na origem, produzindo um texto com unidade, coerência, progressão, não contradição e fim”, atingido pela história e historicizando seu dizer, com produção passível de interpretação (p. 28-29).

Podemos perceber a autoria de Floresta, no seguinte segmento discursivo do Capítulo I do citado livro, referente a necessidade de uma nova e ampla educação feminina:

Enquanto pelo velho e novo mundo vai ressoando o brado - emancipação da mulher -, nossa débil voz se levanta, na capital do império de Santa Cruz, clamando: educai as mulheres! Povos do Brasil, que vos dizeis civilizados! Governo, que vos dizeis liberal! Onde está a doação mais importante dessa civilização, desse liberalismo?

Em todos os tempos, e em todas as nações do mundo, a educação da mulher foi sempre um dos mais salientes característicos da civilização dos povos. Na Ásia, esse berço maravilhoso do gênero humano e da filosofia, a mulher foi sempre considerada como um instrumento do prazer material do homem, ou como sua mais submissa escrava: assim, os seus povos, mesmo aqueles que atingiram ao mais alto grau de glória, tais como os babilônios, ostentando aos olhos das antigas gerações suas admiráveis muralhas, seus suspensos e soberbos jardins, suas colunatas de pórfiro, seus templos de jaspe, com zimbórios de pedras preciosas elevando-se às nuvens, obras que até hoje não têm podido ser imitadas, esses povos tão poderosos, dizemos, permaneceram sempre em profunda ignorância dessa civilização que só podia ser transmitida ao mundo pela emancipação da mulher, não conforme o filosofismo dos socialistas, mas como a compreendeu a sabedoria divina, elevando até a si a mulher, quando encarnou em seu seio o Redentor do mundo.

As Déboras, as Semíramis, as Judites se mostraram embalde, atestando, aquela, a graça de que a tocara Deus, permitindo-lhe revelar aos homens alguns de seus mistérios; estas, uma razão esclarecida, uma coragem rara, que provavam já então não ser a mulher somente destinada a guardar os rebanhos, a preparar a comida, e a dar à luz a sua posteridade<sup>4</sup> (FLORESTA, 1853, p. 2-3).

Neste segmento discursivo, Nísia traz exemplos de personagens bíblicas e heroínas para mostrar o valor não reconhecido da mulher, cuja educação era limitada. Floresta polemiza, assim, o tema que abrange política, religião e sociedade, ao fazer referência ao império de Santa Cruz (Brasil), que permanecia na ignorância pela determinação das restritas atividades destinadas à mulher, isto em comparação a tantas outras civilizações com avanços tecnológicos e construções magníficas para época.

A esse respeito, temos, a seguir, uma paráfrase da chegada da Corte Real Portuguesa ao Brasil e suas consequências que abrangem a educação, e como esta educação para as meninas era compreendida se caso houvessem conhecimentos para além de atividades domésticas. Assim, afirma Floresta:

Uma coroa européia brilhou sob o fulgurante sol americano, o aparatoso fasto de uma corte desdobrou-se na capital do Brasil, seus portos, fechados até então ao estrangeiro, lhe foram para logo franqueados, e o nome de reino substituiu depois o de colônia, tão indevidamente conservado à vasta terra de Santa Cruz. Alguns melhoramentos se operaram em diversos pontos, criaram-se tribunais, escolas, academias etc. etc, sob a digna administração do ilustrado D. Rodrigo de Sousa Coutinho. Mas a educação da mulher permaneceu como nos férreos tempos coloniais: isto é, entregue aos cuidados de ineptos pedagogos femininos ou à direção das mães no seio da família,

---

4 FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário, 1853, cap. I, p. 2-3.

onde a menina aprendia tudo, menos o que pudesse torná-la digna, mais tarde, de ser colocada na ordem de mulher civilizada.

O Brasil tinha já fornecido grande cópia de homens ilustrados pelos conhecimentos adquiridos em diferentes universidades da Europa, e a mor parte das brasileiras (mesmo as das primeiras cidades) não logravam a vantagem de *aprender a ler*.

Dizia-se geralmente que ensinar-lhes a ler e escrever era proporcionar-lhes os meios de entreterem correspondências amorosas, e repetia-se, sempre, que a costura e trabalhos domésticos eram as únicas ocupações próprias da mulher. Este prejuízo estava de tal sorte arraigado no espírito de nossos antepassados, que qualquer pai que ousava vencê-lo e proporcionar às suas filhas lições que não as daqueles misteres, era para logo censurado de querer arrancar o sexo ao estado de ignorância que lhe convinha.

É esta uma das censuras que fazemos aos homens do passado sem receio de desagradar aos do presente, porque, salvas honrosas exceções, todos assim pensam ainda, não obstante muitos terem trocado o papel de completa ignorância, que representavam suas filhas, pelo de uma instrução superficial e mal dirigida, que tende a viciar o espírito sem nada deixar-lhe de sua simplicidade primitiva [...] (FLORESTA, 1853, p. 66-68).

Para um melhor entendimento sobre o objeto discursivo em questão, as condições de produção, segundo Orlandi (2015), abrangem o contexto imediato e o mais amplo, constituído pelo contexto sócio-histórico, ideológico, ou seja, o aqui agora e a conjuntura em que se inserem, como apresentado pelo comportamento da época de discriminar o intelecto feminino.

Neste referido período, a capacidade intelectual da mulher era reduzida a um campo de devaneios amorosos como justificativa para a restrita e superficial instrução que lhe era dada, motivo pelo qual Nísia combatia em suas obras mediante elevada proposta educacional para seu tempo.

Diante disso e com base na AD pecheutiana, compreendemos o discurso como efeito de sentidos e estes efeitos “resultam da relação de sujeitos simbólicos que participam do discurso, dentro das circunstâncias dadas” (ORLANDI, 2015, p.17).

Assim, temos no discurso de Nísia Floresta, sujeito e situação relatados e o descaso da realidade educacional da mulher no Brasil oitocentista, tal como proposto para análise, mediante a identificação da formação discursiva e ideológica dessa autora de cultura e objetivos distintos, conforme sequência discursiva abaixo:

Sabe-se que nenhuma academia nem escola regular possuía a nossa terra até os princípios do presente século, onde os seus filhos, explorando com vantagem as ciências a que se dedicavam, pudessem obter um título que os distinguisse no mundo científico e literário.

Não somente para esse fim como para terem conhecimentos exatos até dos estudos preliminares, eram eles obrigados a ir em longínqua distância à metrópole. Se era isso uma medida política do seu governo, a nós não compete

---

5 FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário, 1853, cap. XXIX, p. 66-68.

ventilá-lo. Queremos somente concluir que, nesse estado, nenhum recurso podia o Brasil oferecer à mulher que desejasse cultivar a sua inteligência. Em balde tentaria ela instruir-se em qualquer outra coisa, a não ser nas ocupações materiais da vida doméstica, porquanto as lições que recebiam algumas meninas, nas casas intituladas escolas - onde, sentadas por terra em pequenas esteiras ou toscos estrados, abrindo de vez em quando, sobre a almofada de renda ou de costura que faziam com rigorosa tarefa, errados manuscritos, e a cartilha do Padre Inácio que lhes iam materialmente explicando - eram tão mal dirigidas e por vezes tão perniciosas, que tendiam antes a estreitar do que a dilatar-lhes o espírito, a viciá-lo, antes do que enobrecê-lo<sup>6</sup> (FLORESTA, 1853, p. 56-57).

Do acesso à educação escolar, portanto, fazia-se necessário deslocamentos que não favoreciam às mulheres em determinado momento, o que lhes dificultava a instrução, reduzindo-se a vida ao que o império brasileiro permitia: apenas atividades domésticas e raras oportunidades de aprendizado escolar por manuscritos e cartilhas, isto sob escassas condições em estabelecimentos chamados de escolas.

O referido tipo de instrução no século XIX tornava o aprendizado mais danoso que benéfico, segundo Nísia em sua sustentada formação discursiva, devido ao mal direcionamento que figuravam as explicações do material de ensino existente, ao invés do crescimento intelectual que deveria ser ofertado à formação da mulher.

Para se ter uma ideia das condições de produção (sujeito e situação), em detalhes, sobre essa situação feminina a partir da educação escolar, voltamos aos dados trazidos por Floresta:

Sempre que brilha um novo dia e que nos bate à porta o jornal, apoderamos-nos com solicitude dessa folha, e avidamente percorremos a sessão das Câmaras do dia antecedente, em procura do assunto que temos escrito no coração e no espírito - a educação da mulher brasileira - e dobramos a folha desconsolados e aguardamos o dia seguinte, que se escoar na mesma expectativa, no mesmo desengano.

Tem-se tratado de muitas coisas, menos disso, disso que merece incontestavelmente a mais circunspecta atenção dos homens pensadores.

Um dia raiará mais propício para nós, em que os escolhidos da nação brasileira se dignem de achar a educação da mulher um objeto importante para deles ocuparem-se com a circunspeção que merece.

Entretanto, lancemos os olhos para o que se acha atualmente feito pelo governo em favor do ensino primário das nossas meninas.

Pelo *Quadro Demonstrativo do Estado da Instrução Primária e Secundária das Províncias do Império e do Município da Corte*, no ano de 1852, vê-se que a estatística dos alunos que frequentaram todas as aulas públicas monta a 55.500, número tão limitado para a nossa população, e que neste número apenas 8.443 alunas se compreendem.

Basta refletir nesta desproporção, para julgar-se do atraso em que se acha a instrução do sexo, tão mal aquinhoado na partilha do ensino pago pelo governo.

---

6 FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário, 1853, cap. XXIV, p. 56-57.

Nenhuma proporção há, como vamos ver, entre as escolas primárias de um e de outro sexo.

[...] Acrescentemos agora ao medíocre número dessas escolas a confusão dos métodos, das doutrinas seguidas pelas professoras, quase sempre discordes em seus sistemas e, como já observamos, em grande parte sem as necessárias habilitações, e teremos, reduzido à expressão mais simples, o número da nossa população feminina que participa do ensino público e o grau de instrução que recebe<sup>7</sup> (FLORESTA, 1853, p. 81-83).

Como tentativa de reunir padrões a serem seguidos diante de tal situação, Nísia cita outras nações como inspiração para posteridade com o foco no desenvolvimento educacional feminino, com emotividade relacionada à sua nação de tantos recursos, e incredulidade pelo Brasil não acompanhar o progresso àquela época em todos os aspectos e virtudes possíveis, delegando assim responsabilidades.

A autora que sofria retaliações por suas práticas pedagógicas inovadoras para a educação feminina (DUARTE, 2010), assim remata:

Copiemos antes de tudo a educação que naqueles países se dá à mocidade. Imitemos principalmente os ingleses no respeito à religião e à lei, os alemães no hábito de pensar e no empenho de elevarem-se acima de todos os povos pelo estudo e pela reflexão, os franceses em seu espírito inventor e em suas generosas inspirações civilizadoras: a todos, no gosto pelo trabalho e no desejo sempre progressivo de engrandecerem-se por seu engenho e atividade. [...] o coração se nos contrai no peito ao contemplarmos o nosso Brasil tão rico, tão grandiosamente excedendo a todas as nações do mundo em recursos naturais, precisando lutar, ainda no século XIX, com grandes dificuldades para oferecer às suas mulheres uma tênue parte da instrução que as classes mais baixas daqueles países da Europa e dos Estados Unidos podem facilmente obter.

Não é, porém, a falta de erudição que mais devemos lamentar: ela poderá desaparecer mais tarde. A luz brilha nas trevas e para logo as trevas deixam de existir. A ignorância de nossas mulheres poderá ser um dia substituída por conhecimentos que as tornem dignas de renome.

[...] Nas condições, pois, já mencionadas, em que se acham as nossas meninas, impossível lhes será adquirirem o hábito das boas práticas, cujo todo constitui a base de uma completa educação, por quanto grande parte das mães, longe de se esforçarem por diminuir os prejudiciais efeitos de tais condições, lhes vão por seu turno inculcando princípios demasiadamente arriscados para elas no futuro. Aquelas que, melhor que ninguém podiam inspirar-lhes sentimentos simples e benignos, são quase sempre as primeiras em dar-lhes, uma, o espetáculo de sua iracúndia, outra, o de desleixo, ou de um luxo ruinoso, que levam as famílias à miséria e à dissolução, esta, o de certas teorias levianas, tidas como inocentes, mas de tão graves consequências para a mulher que lá se está formando nesse pequeno ser compilador atento chamado menina<sup>8</sup> (FLORESTA, 1853, p. 101-102).

---

7 FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário, 1853, cap. XXXV, p. 81-83.

8 FLORESTA, Nísia. Opúsculo Humanitário, 1853, cap. XLIV, p. 101-102.

Dessa forma, Nísia Floresta metaforizando a luz como conhecimento que ascenderá a figura feminina na sociedade, permite-nos sintetizar sua formação discursiva e ideológica sobre o tema, atravessadas por diversas outras formações que a constituem, sob forte influência da concepção religiosa que sustenta quanto ao modelo de comportamento moral a ser seguido pelas mulheres; bem como pelo aspecto político-social quimérico para seu tempo, da emergência de uma ativa participação da mulher na sociedade como essencial para o fortalecimento de uma nação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o objetivo de identificar as condições de produção que sustentam o funcionamento discursivo de Floresta, além de elementos que evidenciam suas formações discursivas e ideológicas, buscamos valorizá-la como uma intelectual da educação brasileira por suas obras e iniciativa de transformação de uma realidade engessada na subjugação da mulher à superficialidades que a desvalorizavam, por minorar sua capacidade intelectual e de participação social.

Diante dos percursos de Nísia, a partir das experiências de vida e inspiração literária obtida pela autora, podemos perceber sua militância pelos direitos das mulheres e preocupação com a educação escolar ofertada a este grupo discriminado, como o meio de superar os limites até então impostos.

Com a obra “Opúsculo Humanitário”, de 1853, Nísia Floresta descreve diferentes percepções educacionais, bem como a capacidade feminina e sua importância para a crescente civilização, ainda tão preconceituosa e voltada para antigos hábitos, objetivando visibilizar a dignidade e intelectualidade da mulher.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, Nadia. Uma análise discursiva de sujeitos com afasia e gagueira. **Linguagem & Ensino** (UCPel), Pelotas, v. 21, n. 1, p. 433-463, jan./jun. 2018.
- BARION, I. F. O.; MACHADO, M. C. G.; QUADROS, R. S.; COELHO, G. F. A Educação das Mulheres no Século XIX: A Contribuição de Nísia Floresta. In: **EDUCERE**, 2017, Curitiba. Formação de professores: contexto, sentidos e práticas. p. 1313-1325.
- BARROS, Thiago Henrique Bragato. Por uma teoria do discurso: reconsiderações histórico-conceituais. In: **Uma trajetória da Arquivística a partir da Análise do Discurso** [recurso eletrônico]: inflexões histórico-conceituais. 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, 27-71p.
- COURTINE, Jean-Jacques. Definição de orientações teóricas e construção de procedimentos em Análise do Discurso. **Policromias - Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 14-35, jan./jun. 2016.

DUARTE, C. L. **Nísia Floresta** (Coleção Educadores). 1. ed. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010. v. 1. 166p.

FLORESTA, Nísia. **Opúsculo humanitário** (estudo introdutório e notas de Peggy Sharpe-Valadares). São Paulo: Cortez; [Brasília, DF]: INEP, 1989. (Biblioteca da educação. Série 3; mulher tempo, v. 1).

FUNDAÇÃO ULISSES GUIMARÃES. **Nísia Floresta Brasileira Augusta: Uma mulher à frente de seu tempo.** [20--]. Disponível em: <https://www.fundacaoulysses.org.br/wp-content/uploads/2016/11/Nisia-Floresta-Completo.pdf>. Acesso em: 23 de julho de 2018.

GAUTHIER, C. Da Pedagogia Tradicional à Pedagogia Nova. In: GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (Orgs.). **A Pedagogia: Teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias.** Petrópolis: Vozes, 2010. p. 175-202.

GUIRALDELLI JUNIOR, Paulo. **História da educação brasileira.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos.** 9. ed. Campinas, SP: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (Orgs.). **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e Textualidade.** 3. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

PILETTI, Claudino. **História da Educação: de Confúcio a Paulo Freire.** 1. ed., São Paulo: Contexto, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. de. **Metodologia do Trabalho Científico** [recurso eletrônico]: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Editora Feevale, 2013.

SARMENTO, Diva C. Criação dos Sistemas Municipais de Ensino. In: YAZBECK, Dalva C. de Menezes & SARMENTO, Diva C. (Orgs.) **Escola e Sistemas de Ensino: memória, gestão e saberes.** Juiz de Fora: Editora UFJF, 2009.

SOUSA, Pedro de. **Análise do discurso.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.